

IMAGINÁRIO, CULTURA E EDUCAÇÃO

IMAGINARY, CULTURE AND EDUCATION



Vol. 13 Número Especial
Jul/Dez. 2017
Ahead of Print

Adrian Alvarez Estrada¹

Fábio Lopes Alves²

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar algumas considerações sobre a Antropologia das Organizações e da Educação, área de estudo que busca dirigir à escola um “novo olhar”, que privilegie sua dimensão cultural, na qual se realizam as práticas simbólicas organizadoras do real e se expressam o simbólico e o imaginário. Esta abordagem pretende analisar a cultura das organizações educativas, na medida em que estas são mediadoras da reprodução da cultura e do social, contribuindo, portanto, para constituição do universo social dominante. Como propósito de ilustração, apresentaremos a Culturanálise de Grupos, heurística privilegiada deste tipo de abordagem.

PALAVRAS-CHAVE: paradigma da complexidade, culturanálise de grupos, dimensão simbólica

ABSTRACT: The purpose of this article is to present some considerations about the Anthropology of Organizations and Education, an area of study that seeks to direct to the school a "new look" that privileges its cultural dimension, in which the symbolic practices that organize the real are performed and express themselves the symbolic and the imaginary. This approach aims to analyze the culture of educational organizations, insofar as they are mediators of the reproduction of culture and social, contributing, therefore, to the constitution of the dominant social universe. As an illustration, we will present the group cultural analysis, privileged heuristics of this type of approach.

KEY WORDS: paradigm of complexity, group cultural analysis, symbolic dimension.

Neste artigo abordaremos a definição de imaginário destacando seu valor heurístico para o campo da pesquisa educacional, bem como a culturanálise de grupos, heurística privilegiada para a apreensão do imaginário de grupos sociais.

¹Doutor em Educação pela USP; Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

²Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Professor Adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Nossa opção é pela Teoria³ Geral do Imaginário⁴, de Gilbert Durand. Diferentemente das demais abordagens do imaginário que se situam em diferentes teorias⁵, em Durand o imaginário é “(...) o fundamento fundante sobre o qual constrói todas as suas concepções de homem, de mundo, de sociedade, dando conta, por isso, da relação indivíduo/sociedade e natureza/cultura” (Teixeira, 1994:8). Ainda para Durand (apud Porto, 2000:20-21)

(...) o estudo do imaginário permite a compreensão dos dinamismos que regulam e vida social e suas manifestações culturais. O imaginário consiste-se do capital inconsciente dos gestos do sapiens, mas é também o conjunto de imagens e de relações de imagens que constituem o capital pensado do homo sapiens e o universo das configurações simbólicas e organizacionais. Está, pois, subjacente aos modos de pensar, sentir e agir de indivíduos, culturas e sociedades.

A partir da crítica que faz à desvalorização da imagem e do imaginário no pensamento ocidental clássico, Gilbert Durand constrói a sua Teoria Geral do Imaginário. Para Durand (1997:21): “O pensamento ocidental e especificamente a filosofia francesa têm por constante tradição desvalorizar ontologicamente a imagem e psicologicamente a função da imaginação ‘fomentadora de erros e de falsidades’”. Ainda segundo Durand (1997:21-22):

(...) a imaginação é reduzida pelos clássicos àquela franja aquém do limiar da sensação que se chama imagem remanescente ou consecutiva. É sobre esta concepção de um imaginário desvalorizado que floresce o associacionismo, esforço certamente louvável para explicar as conexões imaginativas, mas que comete o erro de reduzir a imaginação a um *puzzle* estático e sem espessura e a imagem a um misto, muito equívoco, a meio caminho entre a solidez da sensação e a pureza da idéia.

A psicologia geral acaba – também – reduzindo a importância do imaginário, reduzindo-o a um desorganizado esboço intelectual. Durand (1993:37) afirma que as hermenêuticas redutoras “(...) só descobrem a imaginação simbólica para tentar integrá-la na sistemática intelectualista em vigor, para tentar reduzir a simbolização a um simbolizado sem mistérios”. Durand critica as posições associacionistas (que reduzem a imaginação à percepção debilitada), bergsonianas (que reduzem a imaginação à lembrança da memória) e sartreanas (que reduzem a imaginação a um modo de consciência). A falha das teorias supra citadas é de não considerarem a imagem como símbolo, deixando, assim, perder-se a eficácia do imaginário. É o que Durand procura corrigir na sua elaboração teórica.

Sua concepção de imaginário baseia-se, fundamentalmente, em Jung e Bachelard. De Jung retira a noção de arquétipo que é

(...) a parte herdada da psique, padrões de estruturação e desempenho psicológico ligados a fatores biológicos (...) os arquétipos são entidades hipotéticas, tornando-se aparentes somente através de suas manifestações. Os arquétipos podem ser observados e inferidos através de comportamentos externos, principalmente aqueles que se aglomeram em torno de certas experiências básicas e universais da vida humana. (Nagelschmidt, 1996:23)

E de Bachelard a concepção de simbolismo imaginário que “(...) a imaginação é dinamismo organizador, e esse dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação” (Durand, 1997:30). Nesse sentido afirma que “(...) a imagem – por mais degradada que possa ser concebida – é ela mesma portadora de um sentido que não deve ser procurado fora da significação imaginária”. (Durand, 1997:29)

Para Durand, o estudo do imaginário requer uma perspectiva antropológica, concebendo a antropologia como um conjunto de ciências que estudam a espécie *homo sapiens*. Considerando que o homo sapiens é também o *homo symbolicus*, propõe a noção de

“trajeto antropológico”, que consiste na “(...) incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, 1997:41). E segundo Durand (1997:41), o trajeto antropológico:

Afastará de nossa pesquisa os problemas de anterioridade ontológica, já que postularemos, de uma vez por todas, que há uma **gênese recíproca** que oscila do gesto pulsional ao meio material e social e vice-versa. É neste intervalo, neste caminhar reversível que deve, segundo nos parece, instalar-se a investigação antropológica.

O imaginário nada mais é do que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito e, reciprocamente, as representações subjetivas se explicam pelas acomodações anteriores do sujeito ao meio objetivo, como mostrou Piaget (Durand, 1997:41). A pulsão individual tem sempre um “leito social” no qual corre facilmente ou, pelo contrário, luta contra os obstáculos, de modo que o “sistema projetivo da libido” não é uma pura criação do indivíduo. Os “complexos de cultura” são formados nessa relação, podendo o trajeto antropológico partir indistintamente ou da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre esses dois marcos reversíveis. (Durand, 1997:42)

O trajeto antropológico é mediado pelo processo de simbolização. Para Paula Carvalho, a própria noção de símbolo dá conta dessa articulação, na medida que une a invariância do arquétipo à variação das imagens. Ainda segundo Paula Carvalho (1992:4), a língua alemã expressa de modo preciso esse caráter do símbolo, visto que *sinn* (sentido) compreende às variações das configurações sócio-culturais e *bild* (forma) à invariância arquetipal. Sintetizando, o imaginário é produto da articulação entre o bio-psíquico e o sócio-cultural, cuja sutura epistemológica é realizada pelo símbolo, que é sempre constituído por um elemento arquetípico e um elemento ideativo, numa dupla abertura, remetendo ao duplo caráter da vivência humana: o ontogenético (individual-grupal) e o filogenético (as histórias individuais-grupais que reproduzem a história da espécie).

O imaginário se expressa em sistemas e práticas simbólicas, isto é, em produções imaginárias como o mito⁶, os ritos, a linguagem, a magia, a arte, a religião, a ciência, a ideologia, as formas de organização e as demais atividades e criações humanas, cuja principal função é encontrar modos de enfrentar a angústia original decorrente da consciência do Tempo e da Morte. O desejo buscado pela imaginação humana é o de reduzir a angústia existencial: representar e simbolizar as faces do Tempo e da Morte, visando controlar as situações que elas representam.

Entretanto, devido à impossibilidade de controle, isto é, de distinguir e encarar o desconhecido e controlar os perigos que pode representar, o imaginário cria imagens nefastas que representam as faces do Tempo e da Morte, expressas nos símbolos de animalidade agressiva (teriomorfos), das trevas terríficas (nictomorfos) e da queda assustadora (catamorfos). Para enfrentá-los, desenvolve duas atitudes imaginativas padrões, que correspondem a dois regimes de imagens – regime diurno e regime noturno –, e três dominantes reflexas: postural, digestiva e rítmica ou copulativa.

A **dominante postural** (das matérias luminosas, visuais e ascensionais e técnicas de separação) remete ao imaginário de luta, combate, purificação, análise, despertando simbolismos representados pela luz, cume, asa, espada, flecha, gládio e cetro. A **dominante digestiva** (das matérias das profundezas) remete ao imaginário de repouso, intimidade, união, aconchego, acomodação, refúgio, envolvimento, despertando simbolismos representados pela água, caverna, noite, mãe, morada, utensílios continentes e recipientes (taças, cofres etc.). A **dominante copulativa** (dos gestos rítmicos) remete ao imaginário da

conciliação de intenções entre a luta e o aconchego, contendo imagens que expressam, ao mesmo tempo, essa dualidade, despertando simbolismos representados pela roda, árvore, fogo, cruz, a lua, estações da natureza, ciclo vital, no progresso ou declínio. (Teixeira, 2000:33)

As representações correspondentes às dominantes expressam-se no que Gilbert Durand chama de *schème*⁷ – substratos gestuais que, ao entrarem em contato com o meio natural e sociocultural, substantificam-se em arquétipos. As estruturas do imaginário oscilam ao redor dos três *schèmes* matriciais: **separar** (heróico), **incluir** (místico) e **dramatizar** (sintético ou disseminatório).

As três estruturas estabelecidas por Gilbert Durand correspondem a dois regimes de imagens: o diurno e o noturno.

O Regime Diurno “(...) tem a ver com a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da purificação”. (Durand, 1997:58) O enfrentamento do “*monstro devorador*”⁸ ocorre através do combate ou da fuga, evidenciando a fase trágica do tempo e da morte. Caracteriza-se por imagens polarizadas ao redor dos *schèmes* de ascensão, de separação e do arquétipo da luz. Apresenta como princípios lógicos de explicação e justificação a exclusão, a contradição e a identidade. Corresponde à estrutura heróica, que tem como noção básica a potência.

Já o Regime Noturno

(...) subdivide-se nas dominantes digestiva e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do habitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrológicos⁹.

O regime noturno apresenta duas estruturas: a mística e a sintética (ou dramática). Na estrutura mística, a fase trágica do tempo é minimizada ou eufemizada pela negação. Caracteriza-se pela dominante digestiva e tem como noção básica a analogia e a similitude. A estrutura sintética pretende a harmonização dos contrários e caracteriza-se pela dominante sexual. Resumidamente, as estruturas apresentam o seguintes símbolos e *schèmes*:

Regimes	Estruturas	Schèmes	Símbolos
Diurno	Heróica	Do animado	Teriomorfos
		Da queda	Catamorfos
		Ascensional	Ascensionais
		Espetacular	Espetaculares
		Diairético	Diairéticos
Noturno	Mística	Descida eufemizada	Da inversão
		Intimidade	Da intimidade
		Ocultação	
	Sintética	Rítmico	Cíclicos
		Dialético	Dialéticos
		Messiânico	Messiânicos

Durand chegou à classificação das estruturas do imaginário – porém, em nível estritamente teórico - a partir da análise das imagens provenientes de diversas culturas expressas nas narrações míticas, na literatura e nas mais diversas formas de expressão artística, isto é, em fatos culturalmente elaborados. A validação da teoria coube a seus seguidores, em especial a Yves Durand, criador de um modelo normativo, que chegou à sua reprodução potencial num teste por ele denominado de AT-9 (teste arquetípico de nove elementos).

Sobre A Culturálise De Grupos Desde Os Quadros Paradigmáticos

Diante do quadro paradigmático apresentado, a “cultura” tem um papel fundamental. Relembrando Morin, a cultura pode ser entendida como a relação dialética entre, de um lado, as formas estruturantes e organizacionais (estruturas organizacionais) e, de outro lado, o plasma existencial. As estruturas organizacionais dizem respeito às organizações e instituições, ou seja, ao instituído, no qual se manifestam os códigos e os sistemas de ação. O plasma existencial refere-se aos grupos no sentido próprio, ao instituinte, e compreende as “vivências”, o espaço, a afetividade e o afetual. Em outras palavras, a cultura faz comunicar-se, dialetizando, uma experiência existencial e um saber constituído. Segundo Morin (1984:347-348):

(...) trata-se de um sistema indissolúvel onde o saber, 'stock' cultural, seria registrado e codificado, somente assimilável pelos detentores do código, os membros da cultura dada (linguagem e sistema de signos e símbolos extralinguísticos); ao mesmo tempo o saber estaria constitutivamente ligado a 'patterns-modelos' possibilitando organizar, canalizar as relações existenciais, práticas e/ou imaginárias. Assim, a relação com a experiência é bivectorizada: por um lado, o sistema cultural extrai da experiência a existência, permitindo assimilá-la, eventualmente estocá-la; por outro lado, propicia à existência molduras-quadros e estruturas que assegurarão, dissociando ou misturando a prática e o imaginário, tanto a conduta operacional, quanto a participação, o desfrute, o êxtase.

Esta relação dialética é intermediada pelo símbolo¹⁰, daí ser a cultura entendida como o universo das mediações simbólicas. Por ter o símbolo caráter organizacional e educativo, as práticas simbólicas serão necessariamente educativas, sendo a educação a prática simbólica basal, na medida em que realiza a sutura entre as demais práticas simbólicas. (Paula Carvalho, 1990:186)

Passarei agora ao campo da pesquisa educacional, no qual constata-se que houve um esgotamento dos grandes enfoques explicativos, que analisam a escola apenas de uma perspectiva macroestrutural, considerando-a, portanto, como um simples reflexo do político e do econômico. Como exemplos, podemos citar os enfoques liberal-funcionalistas e uma certa linha de análise marxista, que reduzem o social a uma estrutura de poder dicotômica. (Teixeira, 1990: Capítulo I)

A partir dessas considerações surgiu, em 1986, na Faculdade de Educação da USP, uma nova área de estudo – a **Antropologia das Organizações e da Educação**, que busca dirigir à escola um “novo olhar”, que privilegie sua dimensão cultural, na qual se realizam as práticas simbólicas organizadoras do real e se expressam o simbólico e o imaginário. Tem como objetivos, segundo Paula Carvalho (1990:17):

1. Evidenciar a dimensão simbólica do discurso e da ação organizacional;
2. Repensar a organização escolar a partir do estudo das práticas simbólicas e educativas, articuladas ao imaginário sócio-cultural mais amplo;
3. Encaminhar uma nova praxeologia para a escola.

Em outras palavras, pode-se dizer que esta abordagem pretende analisar a cultura das organizações educativas, na medida em que estas são mediadoras da reprodução da cultura e do social, contribuindo, portanto, para constituição do universo social dominante. E isto será possível através da Culturálise de Grupos, que passaremos a descrever.

A cultur análise de grupos

Segundo Paula Carvalho, seu idealizador, a cultur análise inspira-se em Edgar Morin, principalmente no que diz respeito à sua concepção matizada de cultura. Assim, em Edgar Morin (2002b:300)

(...) a cultura é um conjunto de saberes, regras, normas, hábitos (...) que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo e alimenta por geração e regeneração a complexidade individual e a complexidade social. A cultura constitui, assim um capital cognitivo, técnico e mitológico não inato.

Nesse sentido, a cultura seria a relação que se estabelece entre esses dois pólos, de um lado, os códigos e as normas e, por outro lado, as vivências e a afetividade. Apreende-se que a cultura é, por um lado, o universo das organizações sociais em suas práticas simbólicas, pois são sistemas simbólicos e, por outro lado, é o circuito entre ideário e imaginária. Assim, apesar de todo o iconoclasmo da sociedade contemporânea, que relegou a dimensão simbólica a um segundo plano, considerando-a mera fantasia – com sérias conseqüências para a educação escolar – percebe-se que o imaginário está na existência, sendo a própria experiência de vida, organizando de forma recursiva – complementar, concorrente e antagonista – o real social.

A Cultur análise de Grupos, enquanto instrumento de sócio-diagnóstico, capaz de realizar um mapeamento (aqui entendido pelo modo como o grupo constrói a realidade, de que realidade se trata e, portanto, qual e como é o seu estar no mundo) da realidade e da consciência dos grupos, é estruturada, por Paula Carvalho, em torno desses dois pólos, chamados de cultura patente e latente.

A cultura **patente** corresponde ao pólo das formas estruturantes, onde se manifestam códigos, formações discursivas, sistemas de ação, o aspecto lógico-cognitivo, o ideário e as ideiasções. Segundo Paula Carvalho (1991:105)

(...) é o nível racional de funcionamento do grupo ou o pólo técnico das interações grupais, regido portanto pelos perceptos e pelas funções conscienciais pragmático-reflexivas. Trata-se, portanto, do sistema de metas e meios racionalmente dispostos, ou praxeologia, que atua como fator de agregação do grupo, traduzindo assim sua organização como uma estrutura racional-produtiva permeada pelos fluxos de racionalização, pela conduta metódica de vida, pela “Enzauberung”, em suma, pela ideologia do ‘Kapitalismus Geist’.

A cultura **latente** corresponde ao pólo do “plasma existencial” (De Certeau) ou “magma da significância” (Castoriadis), no qual manifestam-se vivências, o espaço, a afetividade, o afetual, o aspecto residual afetivo/imagético, o imaginário e as fantasmatisações. É o

(...) nível afetivo, ou afetual, de estruturação do grupo ou o pólo fantasmático-imaginal das interações grupais regidas, portanto, pelo dispositivo inconsciente em suas caracterizações analíticas e neuropsico-lógicas, pelas funções conscienciais emanando do onirismo coletivo, enfim, pelo processo de ‘mythopoiésis’ e pelos seus transdutores mitemáticos. (Paula Carvalho, 1991:123)

Ou seja, é o pólo do grupo no sentido próprio, “(...) que permite evidenciar a proximidade, a cinesesia, a comunicacional, o fático da grupalidade e da cultura latente que o **cimenta**. É o nível que dá conta da dimensão afetiva e simbólica do grupo, em Morin o nível do instituinte – do sentimento, do onirismo, da emoção”. (Porto, 1993:35)

Ambos os pólos (patente e latente) articulam-se de forma recursiva num processo

de (re)construção do percurso recursivo entre cultura patente e latente. Entendendo-se a mediação simbólica como o circuito entre esses dois pólos, Paula Carvalho (1991) aponta alguns elementos, que chamou de “transdutores híbridos”, os quais, realizando o trajeto entre os pólos, captam potencialmente o que chama de “cultura emergente”, isto é, o que emerge da relação circular dialógica entre a cultura patente (o determinado) e a cultura latente (a indeterminação). (Paula Carvalho, 1991:88) São chamados de híbridos, porque são tensoriais, vetorizando rumo ao patente e rumo ao latente, ao lógico e ao a-lógico, ao racional e ao afetivo, ao biótico e ao eidético. (Paula Carvalho, 1991:115) Esses elementos híbridos são as **ideo-lógicas**, as **mito-lógicas**, as **rito-lógicas** e as **axio-lógicas**. Segundo Paula Carvalho (1991:116), a semântica introduzida pelo hífen de Korzybski é importante para fazer distinção entre os primeiros termos de cada noção (ideo, mito, rito, axio) que se referem ao latente, e o segundo termo (*logoi*) que se refere ao patente: ideologias, mitos, ritos e valores orientando as práticas sociais.

A proposição dos “transdutores híbridos”, tal como é feita por Paula Carvalho, é um avanço em direção a uma compreensão mais profunda da realidade dos grupos, porque, ao transitar entre os dois pólos, permitem a emergência tanto do patente quanto do latente da vida do(s) grupo(s). “Os transdutores híbridos são modos de pensar residuais, isto é, 'impuros', porque sofrem imiçções dos modos de sentir e agir que influenciam regularmente produções discursivas do grupo”. (Porto, 1993:37) Ainda, segundo Paula Carvalho, as **ideo-lógicas** são complexos afetivo-representacionais, cujo trajeto vai do racional à imagem; as **mito-lógicas** são complexos afetivo-motores, cujo trajeto vai da imagem ao racional, sempre envolvida com idéias-forças que se espraiam nos ritos; as **axio-lógicas** são complexos afetivo-motor-actanciais¹¹, cujo trajeto compõe imagem e racional rumo a ação. (Paula Carvalho, 1991:112) As **rito-lógicas** são “(...) a espacialização temporalizada dos espaços mentais que se organizam como configurações culturais¹²”. Nesse sentido, a hibridação compõe racional e afetivo, racional e motor, racional e pragmático.

Considerações finais

Apreende-se que a cultura é, por um lado, o universo das organizações sociais em suas práticas simbólicas, pois são sistemas simbólicos e, por outro lado, é o circuito entre ideário e imaginária. Assim, apesar de todo o iconoclasmo da sociedade contemporânea, que relegou a dimensão simbólica a um segundo plano, considerando-a mera fantasia – com sérias conseqüências para a educação escolar – percebe-se que o imaginário está na existência, sendo a própria experiência de vida, organizando de forma recursiva – complementar, concorrente e antagonista – o real social.

Os ritos são carregados de simbolismos, porque são sociais, portanto organizadores dos grupos. Assim, embora a educação escolar privilegie quase que exclusivamente a razão, tentando eliminar o mito e minimizar o papel das imagens e do simbolismo, isto acabou não ocorrendo.

Nesse sentido, analisar a dimensão simbólica da realidade escolar significa estar atento, por um lado, a esse caráter educativo do símbolo, que, como processo, realiza-se não só na sala de aula, mas em todos os espaços sociais da escola; e, por outro lado, à potência pedagógica do símbolo, que torna possível a criação e a mutação.

Uma educação que recupera a dimensão simbólica deixa de ter caráter meramente reprodutivo, na medida em que permite a criatividade e a inventividade; mais ainda, apoiando-se na concepção de homem complexo e inacabado, e da cultura enquanto universo de objetos e práticas transicionais que criam um espaço potencial, pode o processo educacional liberar-se da lógica social da dominação, viabilizando a

emergência do complexo, do multiforme, da polifonia, ou seja, do lado instituinte do social. (Teixeira & Porto, 1995:34)

Notas

³Teoria aqui entendida como a matriz a partir da qual se desenvolvem as abordagens de um autor.

⁴A base teórica sobre o imaginário explicitada neste texto encontra-se em Durand, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁵Como por exemplo, a partir de Castoriadis (teoria da sociedade), da Escola de Frankfurt (teoria da história) ou de Sartre (teoria ontológica das formas de consciência).

⁶“Entenderemos por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. O mito já é um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em idéias. O mito explicita um esquema ou grupo de esquemas”. (Durand, 1997:62-63)

⁷Para Rocha Pitta não há tradução adequada – em português – para schème, visto que existe diferença de sentido (no idioma francês) entre schème e schêma. Seria conveniente designar schêma para o desenho, a figura esquemática; ao passo que schème significa a regra que utilizamos para traçar uma figura e que existe em estado de pura tendência na nossa imaginação. (Rocha Pitta, 1982:Vol. 1, p. 38).

⁸Como veremos adiante, o monstro devorador é um dos arquétipos fundamentais no AT-9 (teste arquetípico de nove elementos), que é a formulação experimental da Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand, gestada por Yves Durand.

⁹Esta divisão é inspirada na Psicanálise Clássica, que vincula as pulsões digestivas e sexuais. Desse modo admite-se – pelo menos metodologicamente – que existe um parentesco entre a dominante digestiva e a sexual. (Durand, 1997:58)

¹⁰É interessante lembrar que símbolo significa **sentido** (Sinn), isto é, variações das configurações sócio-culturais, e **forma** (Bild), ou seja, invariância arquetipal. Para maiores detalhes vide PAULA CARVALHO, 1992: 1º estudo.

¹¹Os actantes são “sub-classes dinâmicas cuja reunião constitui a mensagem mítica” (DURAND, 1988:243).

¹²Segundo Paula Carvalho (1991:110), os ritos referem-se às mediações simbólicas sob sua forma pré-verbal, pré-reflexiva, sendo, por isso, operadores de organização do espaço-tempo do grupo.

REFERÊNCIAS

DURAND, G. **A Imaginação Simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, Y. **L'Éxploration de l'imaginaire**. Introduction à la modelisation des Univers Mytiques. Paris: L'Espace Bleu, 1988.

ESTRADA, A.A. **Culturanálise de uma etno-escola (Escola Armênia ou Externato José Bonifácio – SP 1996/1998): um estudo de Antropologia das Organizações Educativas**. São Paulo, 2000, Dissertação de Mestrado (Educação), Faculdade de Educação da USP.

ESTRADA, A.A. **Imaginário e Educação: um estudo culturanalítico numa escola de reassentamento**. São Paulo, 2004, Tese de Doutorado (Educação), Faculdade de Educação da USP.

MORIN, E. **O método 2: a vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **Sociologie**. Paris: Fayard, 1984.

- NAGELSCHIMDT, A.P.C. **Mandala de Palavras**. São Paulo: Vetor, 1996.
- PAULA CARVALHO, J. C. de. **Da arquetipologia do imaginário à sua formulação experimental através do AT.9**: sete estudos. São Paulo: FEUSP, 1992.
- _____. **A Cultura análise de grupos**: posições teóricas e heurísticas em educação e ação cultural. São Paulo, 1991, Ensaio de Titulação, Faculdade de Educação da USP.
- _____. **Antropologia das organizações e da educação**: um ensaio holonômico. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- PORTO, M.R.S. **Escola rural**: cultura e imaginário. São Paulo, 1993, Tese de Doutorado (Educação), Faculdade de Educação da USP.
- PORTO, M. do R. S. **Imaginário e Cultura: escorrências na educação**. In: PORTO, SANCHEZ TEIXEIRA, FERREIRA SANTOS & BANDEIRA (orgs) **Tessituras do Imaginário**: cultura & educação. Cuiabá: EdUNIC, 2000.
- ROCHA PITTA, D.P. **Padronização do teste AT.9**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1982.
- TEIXEIRA, M.C.S. **Antropologia, cotidiano e educação**. Rio de Janeiro, Imago, 1990.
- TEIXEIRA, M. C. S. **Discurso pedagógico, mito e ideologia**: o imaginário de Paulo Freire e de Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.
- _____. **Imaginário, cultura e educação**: um estudo antropológico de alunos de escolas de 1º grau. São Paulo, 1994, Tese de Livre-Docência (Antropologia das Organizações e da Educação), Faculdade de Educação da USP.

Recebido em: 08/09/2016

Aprovado em: 04/12/2017